

## A EJA: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO-CAMPO

*Andréa Aparecida Borges Vasconcelos<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo tem como pretensão analisar teoricamente a questão da alfabetização de Jovens e Adultos, relacionando-a com situações vivenciadas na prática de ensino como estagiária do curso de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, numa escola de Alfabetização de Jovens e Adultos. Os relatos de experiências foram observados numa sala de 1<sup>a</sup> série de alfabetização de jovens e adultos, em uma escola noturna de um bairro considerado pobre da cidade de Uberlândia. Para compreender o processo educativo nessa área, primeiro será feito um breve mapeamento dos determinantes histórico-sociais, segundo, a análise dos métodos e processos de alfabetização, terceiro, para fins didáticos, a oralidade e as práticas de letramento serão enfatizadas. De acordo com a temática escolhida, procurar-se-á explicitar: Qual a importância dos determinantes histórico-sociais no processo de alfabetização de jovens e adultos? Como alfabetizá-los? Como incentivar momentos de oralidade e práticas de letramento nas salas de alfabetização de jovens e adultos? Ao final, serão tecidas algumas considerações sobre a formação básica e continuada como fator determinante para uma boa atuação do alfabetizador da EJA.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização de jovens e adultos. Estágio. Letramento.

**ABSTRACT:** This article intend to analyse theoretically the point of alphabetization of youth and adults, related it with practice situations as a people who works a period of time in a job in the Pedagogy Course of *Universidade Federal de Uberlândia*, in a classroom of Alphabetization of Youth an Adults school. The experiences related were observed on a first grade classroom of alphabetization of youth and adults, in school of poor quarter of Uberlandia in the period of night. At first, it will be made a breaf mapping of historical-socials determinants to appreciate the educational

---

<sup>1</sup> Pedagoga formada na Universidade Federal de Uberlândia.

process in this area. Second, the analyse of methods and processes of alphabetization, third, for didactics ending, the orality and practice of literacy will be emphasized. According to the chosen thematic: what is the importance of historic-socials determinants on the process of alphabetization of youth and adults? How to encourage the moments of orality and practices of literacy on alphabetization classroom of youth and adults? At the end, some considerations will be done about basic and continued formation as determinant for a good action of EJA tutor for reading and writing.

**KEY WORDS:** Alphabetization of youth and adults. Tour. Literacy.

Este artigo foi produzido com o objetivo de analisar teoricamente a questão da alfabetização de Jovens e Adultos, relacionando-a com situações vivenciadas na prática de ensino como estagiária do curso de pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, numa escola de Alfabetização de Jovens e Adultos.

As de experiências relatadas aqui foram observadas numa sala de 1ª série de alfabetização de jovens e adultos, em uma escola noturna de um bairro considerado pobre da cidade de Uberlândia. Para compreender como se dá esse processo educativo, torna-se necessário fazer, em um primeiro momento, um breve mapeamento dos determinantes histórico-sociais do processo educativo de jovens e adultos, para que se possa perceber como esses determinantes encontram-se presentes na atualidade.

No segundo momento, abordar-se-á os métodos e processos de alfabetização, explicitando sinteticamente como caracterizam-se os métodos sintéticos e os analíticos, procurando compreender qual é o melhor processo para alfabetizar jovens e adultos.

Para fins didáticos, a oralidade e as práticas de letramento serão enfatizadas em um terceiro momento, em que serão consideradas importantes pontos dos trabalhos no sentido de desenvolver a oralidade e as práticas de letramento. Diante da temática, procurar-se-á explicitar: Qual a importância dos determinantes histórico-sociais no processo de alfabetização de jovens e adultos? Como alfabetizá-los? Como planejar atividades que contemplem a oralidade e as práticas de letramento nas salas de alfabetização de jovens e adultos?

Ao final, serão tecidas algumas considerações sobre a questão da

alfabetização de jovens e adultos, procurando explicitar a importância da formação básica e continuada para termos uma boa atuação nessa área.

Parte-se, inicialmente, de um mapeamento teórico dos determinantes histórico-sociais do processo educativo de jovens e adultos, explicitando também as questões de alfabetização mais relevantes que surgiram no campo de estágio, os relatos e as reflexões em torno dessas questões. Visando compreender as determinações histórica-sociais do processo educativo de jovens e adultos e seus reflexos no campo de estágio, é preciso fazer uma reflexão em torno das questões que envolvem o analfabetismo. Questões estas de caráter cultural, histórico, social e, sobretudo, econômico e político.

Os fatores sociais e econômicos evidenciados numa sociedade capitalista seletiva e excludente interferem na medida em que as famílias de baixa renda têm muitas das vezes acesso a escola devido à democratização das oportunidades educacionais, mas não as condições de permanência nesta escola. Uma vez que, quanto mais alto for o poder aquisitivo da família, mais condições sócio-econômicas há de investir em livros, materiais pedagógicos e na educação como um todo. No tocante a renda da família e a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos afirma-se que:

[...] a renda familiar vem sendo principal fator de discriminação no acesso à alfabetização no Brasil, sobre determinando as diferenças observadas entre os grupos etários, as populações rurais e urbanas e das diferentes regiões do país, enquanto gênero e raça operam como fatores relativamente independentes da condição socio-econômica na determinação das oportunidades educacionais. (HADDAD; DI PIERRO, 1999, p. 6).

A este respeito, considera-se relevante pensar a alfabetização de jovens e adultos, entendido como todo processo que gera aprendizagem seja ele formal ou informal, levando em conta a renda familiar, mas também todos os aspectos por ela sobredeterminado.

Historicamente falando, um grande número de pessoas tem assumido uma atitude passiva diante da má distribuição de renda, das desigualdades e injustiças sociais, de modo que o analfabetismo é encarado como uma questão cultural. Entretanto, é preciso compreender que as condições sociais, econômicas e culturais mantêm o analfabetismo, pois, o próprio mercado de trabalho e as condições sociais dificultam a aquisição da leitura e escrita, e isso gera uma cultura do analfabetismo. Assim,

considera-se que o analfabetismo não deve ser entendido somente como um conceito desvinculado desses fatores mais amplos, porque são determinantes no processo educativo como um todo, não apenas se referindo ao processo educativo de jovens e adultos. Uma vez que a escola, inserida numa sociedade capitalista, é também seletiva e excludente, as classes menos favorecidas economicamente encontram-se, na maioria das vezes, privadas do saber formal, erudito, repassado pela escola.

Sobre essas questões e a partir de Donado(1990), ao fazer uma abordagem da alfabetização, verifica-se que quando a educação expandiu-se para as classes menos favorecidas era com o intuito da leitura da palavra pela palavra, ou seja, apenas a nível de decodificação e não de compreender e julgar o que leu. Enquanto que para a elite era uma educação diferenciada, mostrada através do ensino escolástico, erudito, numa abordagem acadêmica da leitura.

Entendendo a leitura como utilitarista, esta serve para preparar para o trabalho e a partir daí gera-se o analfabeto funcional, referindo-se àquelas pessoas que sabem apenas escrever e ler o próprio nome e, portanto, não podem participar de todas as atividades as quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade.

Dessa forma, não se pode transferir a responsabilidade apenas para o indivíduo, uma vez que é necessário compreender a sociedade como um todo, considerando as desigualdades e injustiças sociais e, sobretudo, a renda familiar, anteriormente explicitado.

A questão da influência da renda familiar pode ser observada na prática da escola pública, em que está sendo feito o estágio, quando a alfabetizadora coloca para a turma, de 15 alunos freqüentes, que é preciso que comprem uma apostila no valor de R\$ 5,00 e alguns dizem que não podem comprar, seja porque está sem dinheiro ou desempregado. Um aluno perguntou a ela como ele faria sem apostila e a professora simplesmente respondeu que os alunos não são obrigados a comprá-la, mas quem não a tiver em mãos não conseguirá acompanhar as aulas. Com essa atitude ela estará excluindo esse aluno, bem como todos aqueles que não puderam comprar a tal apostila, não trazendo, assim, nenhuma solução viável para tais alunos. Evidenciou-se a evasão de dois alunos e visando embasar a reflexão em torno da temática, quais serão as principais causas da evasão desses alunos?

Não há também por parte do Estado uma preocupação em fornecer materiais suficientes e adequados para as escolas e, no tocante à alfabetização de jovens e adultos, essa questão é mais preocupante,

porque o Governo adota uma política de investimento em programas de alfabetização sem resultado, já que não mantém a formação continuada e o acesso a cultura escrita. Mas maneja um conceito de alfabetização estreito por não assegurar continuidade de estudos ou oportunidades de consolidação das aprendizagens realizadas; já que grande parte dos educadores é leiga e, sobretudo, não incide sobre os fatores sócio-econômicos e culturais que geram e reproduzem o analfabetismo.

Dentro dessa perspectiva, afirma-se que os Projetos e/ou Programas de educação de jovens e adultos não devem estar ligados à aprendizagem mecânica de habilidades de leituras, mas sim, procurar manter a formação continuada, o acesso a cultura escrita, procurando desenvolver práticas de letramento. O nível local, a Prefeitura de Uberlândia é responsável pela maioria dos projetos e/ou programas de educação de jovens e adultos. Há também algumas empresas investindo na área, de modo que os trabalhadores estudem antes do trabalho ou, ainda, em comunidades de bairro. Na escola em que se faz o estágio, tem-se o PMEA. (PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO, 1990, p. 3).

Esse programa de caráter informal, cuja preocupação básica, atualmente, é que o aluno aprenda a ler e escrever. Os alfabetizadores são contratados em regime de dobra de turno, pois além de trabalhar no Programa de erradicação do analfabetismo (PMEA), trabalham também na Educação Infantil. De acordo com conversas informais com alunos que fazem parte deste Programa, evidencia-se que a preocupação básica é com a mera decodificação de símbolos gráficos, não havendo uma preocupação de investir na compreensão do processo de leitura e escrita.

Quanto aos alfabetizadores, Hara, defende que: “[...] os professores, a grande maioria são leigos, são obrigados a aceitar o desafio de escolarizar adultos sem o mínimo preparo necessário ao bom desempenho.” (1988, p.9). Dessa forma acredito que, os alfabetizadores precisam correr atrás para terem uma boa formação, aliar conhecimento com compromisso e compreender que para atuar bem nessa área é necessário ter clareza que o atuar nela é fazer uma opção política, pois, só assim podem ter uma atuação crítica em sala de aula, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Trabalhar com a alfabetização de jovens e adultos implica em conhecer a realidade desses, por conseguinte, só assim estará propiciando atividades mais interessantes. Nota-se, então, a importância de propiciar experiências com jornais, revistas e livros diversos, inclusive os de auto-ajuda, para que seja despertado o aspecto

cognitivo dos adultos em processo de alfabetização e não ridicularizá-los com frases infantilizadas. Ou melhor, é de suma importância trabalhar com materiais que não infantilizam os adultos, já que a maioria deles tem auto-estima muito baixa e, portanto, o alfabetizador deve trabalhar com textos que contribuam para aumentá-la.

A este respeito, Ribeiro coloca que:

[...] o analfabeto tem, em geral, baixo índice de motivação para a alfabetização porque não acreditar na sua eficácia para satisfazer suas necessidades mais básicas ligadas à sobrevivência, preferindo acreditar na eficiência do fator trabalho. A alfabetização estaria ligada apenas às necessidades superiores tais como 'crescimento pessoal', 'influência' e 'prestígio'. (1992, p. 41).

A questão da infantilização do processo educativo de jovens e adultos é bastante preocupante e comum nessa área, visto que dessa maneira as aulas tornam-se cansativas e não motivam os alunos para buscarem aprender mais. É justamente assim que se verifica a sala de alfabetização no campo de estágio, pois a alfabetizadora utiliza-se de textos de cartilhas totalmente infantilizados e, muitas vezes, sem sentido já que o objetivo de tais textos é o estudo de famílias deste o “bá-bé-bi-bó-bú” até o “zá-zé-zi-zó-zu-zão”. Ao estudar textos assim e pela sua postura, a alfabetizadora tem uma postura tradicional, a ponto de fazer modelos de respostas no quadro e lê-los apontando a régua. E para piorar ainda mais, além de trabalhar os conteúdos de maneira pronta e acabada, totalmente desvinculados da sociedade, rotula os alunos, excluindo-os do processo tardio de alfabetização, com frases do tipo: “esta é turista”; “você não vai ler porque gagueja”; “estas duas são repetentes”, etc. Essas rotulações se deram no primeiro dia de aula, quando as duas estagiárias da sala fizeram uma apresentação informal, procurando saber: nome, profissão, porque voltou à escola e uma esquisitice (ou mania, para descontrair um pouco). A alfabetizadora ficou surpresa com os relatos e histórias de vida dos alunos, nos contando que não sabia da profissão de nenhum deles tampouco porque voltaram à escola. Entretanto, com essa postura tal alfabetizadora não estará contribuindo para que os alunos possam se posicionar criticamente perante o objeto em estudo, mas apenas decodificar o que leu, fazendo uma leitura silabada, a qual não possibilita uma compreensão. Mas a alfabetização precisa ultrapassar a simples decodificação, é preciso que o alfabetizador de jovens e adultos desenvolva ricos momentos de oralidade, ouvindo as histórias de vidas dos alunos e,

também, trabalhar com textos significativos, que vão contribuir para seu cotidiano, ou seja, é imprescindível vincular o conhecimento à prática social mais ampla.

Por fim, acredita-se que para tal é preciso encarar a alfabetização como emancipadora, ou seja,

[...] como um dos veículos mais importantes, pelos quais o povo 'oprimido' é capaz de participar da transformação sócio-histórica de sua sociedade. Dessa perspectiva, os programas de alfabetização não devem estar ligados apenas à aprendizagem mecânica de habilidade de leitura [...]. (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 105).

A partir dessa afirmação conclui-se que, é preciso por parte dos programas de alfabetização e dos alfabetizadores que trabalham com a educação de jovens e adultos, tentar levar ao desenvolvimento, pelo leitor, de uma compreensão crítica da realidade e do contexto sócio - histórico determinante do processo de alfabetização.

Tendo em vista um país onde é muito grande o número de jovens e adultos que buscam completar uma escolarização não obtida na época considerada adequada, fazendo parte de um quadro de injusta distribuição de bens e serviços por parte do Estado, é desafiante para o alfabetizador trabalhar com o adulto que nunca esteve na escola ou que se sente fracassado diante dela. Considerando as dificuldades em ensinar e em lidar com a motivação de alunos cuja auto-estima é baixa, como o alfabetizador deve alfabetizar os jovens e adultos que não sabem ler e escrever?

Diante dessa questão, faz-se relevante uma explanação dos métodos de alfabetização e, por fim, como Freire encarava a alfabetização de jovens e adultos, o qual procurou despertar a leitura do texto e do mundo dialeticamente.

Rizzo (1980) aborda os *métodos sintéticos*: alfabético, fônico e silábico, e também, os *métodos analíticos* de alfabetização: palavração, sentençação, global de contos ou método Historiado.

Os métodos sintéticos dão ênfase ao ensino de partes ou elementos constitutivos da palavra, ou seja, iniciam-se das partes para o todo, enquanto que os métodos analíticos dão ênfase à compreensão da leitura desde a sua fase inicial, por partirem do todo para as partes.

O termo "alfabetizar" originou-se do *método alfabético*, empregado desde os tempos da Grécia e Roma antigas até o fim da Idade Média. Este método tem como procedimento didático o nome da letra e sua forma, valorizando a seqüência alfabética. O professor propicia que a criança



conheça a forma gráfica da letra, sendo treinada a identificar as sílabas, para paulatinamente serem apresentadas as palavras. Pelo fato de ter como base a repetição e memorização, enfatizando os sons das palavras e não os seus significados, este método é arbitrário e mecânico. E, assim, tanto as crianças quanto os jovens e adultos alfabetizados neste método geralmente têm uma leitura escandinava, com limitações no processo de interpretação e compreensão do texto.

O *método fônico* surgiu como uma tentativa de superar o alfabético, entretanto, permanece obedecendo a uma seqüência pré-estabelecida, tendo como base a memorização tal como o método alfabético. Porém, no método fônico são ensinados os sons das letras, treinados isoladamente para irem-se associando e compondo novas combinações silábicas; estudam-se as vogais e posteriormente as consoantes, que se organizam de forma pré-estabelecida, cujos sons são combinados com as vogais. Este método dá ênfase aos sons das vogais e consoantes, seu traçado, pronúncia correta, de forma arbitrária, mecânica e extremamente formal e por isso, dificulta o processo de leitura e interpretação por parte dos discentes.

O que difere o *método silábico* dos demais métodos sintéticos (alfabético e fônico) é que valoriza a sílaba como ponto de partida para o ensino da leitura, caracterizando o que pode se chamar de método do “Bá, Bé, Bi, Bó, Bu”. As sílabas são ensinadas isoladamente, de forma mecânica e repetitiva, desestimulando a criança, o jovem ou adulto que está sendo alfabetizado.

Em todos estes métodos precisa-se saber a ordem alfabética, o que gera certo condicionamento, de modo que para saber a ordem alfabética é preciso começar do início do alfabeto. De um modo geral, as pessoas alfabetizadas nos métodos sintéticos têm dificuldades para interpretar, organizar as idéias, dar nexos e seqüências aos parágrafos. Isso ocorre com seqüela destes métodos e da interpretação reduzida de textos. Considera-se que os métodos sintéticos vão cerceando e limitando as possibilidades de raciocínio, principalmente por parte de jovens e adultos que vão estudar, muitas vezes cansados, após o trabalho.

É justamente o método silábico que é utilizado pela professora na escola, onde é feito o estágio da prática de ensino de um grupo de alunas do 4º ano de Pedagogia - noturno, da UFU. Enquanto a apostila que os alunos e alfabetizadora encomendaram à diretora não ficou pronta, a alfabetizadora faz uso da seguinte cartilha para alfabetizar: PASSOS, Lucina Maria Marinho [et al]. *Alegria de saber*: português: 1º grau: 1ª série.



São Paulo: Scipione, 1995. Em todas as aulas de Português se estuda nesta cartilha, chamando a atenção o fato de estudar as sílabas de forma mecânica e repetitiva, desde o “Bá- Bé- Bi- Bó- Bu- Bão” até o “Zá- Zé- Zi - Zó- Zu- Zão”. Em todas as famílias silábicas, encontram-se textos que apenas procuram frisar as sílabas, assim, os textos ficam repetitivos e sem sentido. Para piorar as atividades, estas são sempre parecidas, como leitura do texto, cópia do mesmo no caderno e interpretação reduzida do mesmo. Considera-se como interpretação reduzida do texto porque, geralmente, as perguntas iniciam sempre com: “Qual é o título do texto? Quantos parágrafos ele tem?” As demais perguntas não exigem reflexão, apenas que os alunos voltem ao texto e façam a cópia do fragmento considerado “adequado”. Conseqüentemente verifica-se que os alunos têm muitas dificuldades para ler, fazendo uma leitura silabada e, também, apresentam dificuldades para escrever, já que ao se priorizar cópias e exercícios repetitivos, não dá ênfase a produção de textos espontâneos, que são ótimos para serem trabalhados no processo de alfabetização. No entanto, é preciso ressaltar que ao se criticar o método que a alfabetizadora regente usa na sala de aula, não se pretende deixar transparecer que não se deve trabalhar com sílabas, ou seja, é preciso sim que se trabalhe com sílabas, mas não de maneira mecânica, repetitiva e sem sentido para os alunos.

Por isso, é necessário que o alfabetizador tenha o conhecimento de todos os métodos de alfabetização, considerando as suas vantagens e desvantagens e, principalmente, faça uma opção por um método que não seja tão mecânico e arbitrário, para que os jovens e adultos tenham uma aprendizagem significativa para eles. Para tanto, explicitar-se-á os métodos analíticos: *palavração*, *setenciação* e *Global de Contos*. Bem como o *processo de construção*.

A *palavração* parte da palavra que tenha significado para os educandos, como forma de despertar o interesse pela leitura e informação. Evidencia-se que com a *palavração* a aprendizagem é lenta, por isso, o professor precisa explicar bem, pois caso contrário, o processo de alfabetização de jovens e adultos fica comprometido e os mesmos acabam por acreditar que não estão aprendendo e evadem-se. Entretanto, é relevante ressaltar que Freire utilizou-se deste método, alfabetizando em pouco tempo jovens e adultos. Buscava-se com a alfabetização, a qual partia de palavras com significado, promover a conscientização, gerada na prática social. A consciência crítica é percebida na busca da autonomia num contexto político e cultural.

Ribeiro (1992) explicita que Freire propunha que na alfabetização de jovens e adultos deveriam utilizar palavras geradoras, a partir das quais se desenvolvem discussões, desmembramento da palavra em sílabas, com as quais o alfabetizando cria novas palavras; diante de uma relação dialógica com o educador. Ou melhor, Freire propõe o estudo através de palavras geradoras, escolhidas no meio cultural dos alunos. Tais palavras são decompostas em sílabas, possibilitando pela combinação das mesmas a criação de outras palavras. Escolhida a palavra geradora será apresentada a codificação, que é a representação da palavra, sobre a qual incide a decodificação, ou seja, o ato de analisar a representação de situações conhecidas pelos alfabetizandos, em que educador e educandos fazem juntos: a leitura da realidade e do mundo. Portanto, para este educador “[...] alfabetizar é um ato político, pois não há educação neutra” (RIBEIRO, 1992, p. 50), sendo também um ato de conhecimento em que educador e educando buscam juntos, conhecer algo, evidenciado numa relação em que ambos ensinam e aprendem juntos, através do diálogo e da colaboração. Funda-se na educação libertadora e problematizadora, que aprender não é o ato de depositar e de transmitir conhecimentos como na educação bancária, pois a educação problematizadora baseia-se na relação dialógica entre os sujeitos cognoscentes. Razão pela qual a obra de Freire é um rico suporte teórico, como uma das fontes de pesquisa dos profissionais da educação.

Entretanto, Hara (1988) critica alguns educadores, os quais fazem uma leitura mecânica do chamado método Freire, uma vez que estes consideram erroneamente que a aprendizagem implica simplesmente na decodificação de palavras e na sua silabação visando a construção de novas palavras.

A *sentenciação*, de forma semelhante da palavração, parte do estudo do todo que tenha significado, entretanto enfatiza o estudo das sentenças, em que os alunos são orientados a procurar palavras semelhantes dentro da sentença. Neste método, gasta-se muito tempo com a memorização das sentenças, mas, por outro lado, cultiva-se hábitos e atitudes inteligentes de leitura, dando uma idéia do todo.

Outro método analítico é o *Global de Contos*, ou Historiado, no qual a criança ou jovem e adulto cria textos com começo, meio e fim. Desperta, então, o interesse pela leitura como fonte de prazer e informação. Porém, é um método mais caro, por frisar a coordenação óculo-visual. Exige maior preparação do profissional, um planejamento anterior, sendo preciso considerar também a sua flexibilidade, já que os métodos sintéticos exigem

menos formação por parte dos professores.

Oliveira tece algumas críticas aos processos analíticos e também aos sintéticos de alfabetização, pois ambos,

[...] não permitem a exploração, a escrita de 'novidades'; o uso de palavras que ainda não foram aprendidas, [...] impedindo que o aprendiz explore e se aproprie do objeto conceitual que é a língua escrita, pois, se errasse, segundo a concepção dos métodos, o erro seria fixado. (1992, p. 20-21).

Já o construtivismo tem uma visão construtiva do erro, uma vez que respeita as construções feitas pelas crianças, e estimula cada estágio de seu desenvolvimento cognitivo. As experiências das crianças têm sido consideradas por muitos alfabetizadores como ponto de partida para que o ele consiga desafiar e propiciar aos alunos novas descobertas, buscando aliar significante e significado. Este processo estimula o prazer em ler e escrever, bem como fazer descobertas, já que não possui fases definidas a serem seguidas rigorosamente. Então, o aluno lê e produz sem preocupar em escrever com esta ou outra letra, sendo preciso, primeiramente, fazer um diagnóstico, um levantamento de necessidades, interesses, expectativas e conhecimentos, em que o alfabetizador deve utilizar do diálogo e de dinâmicas de grupo como atividades estimuladoras e enriquecedoras do processo ensino-aprendizagem.

Entretanto, o alfabetizador precisa planejar e replanejar, tendo domínio tanto do método quanto dos conteúdos, com vistas a não gerar um espontaneísmo, no qual não se ensina e não se aprende. Com isso, tanto os alfabetizadores como os futuros que ainda estão nas universidades, precisam conhecer os métodos de alfabetização, compreendem questões relevantes em torno do processo de alfabetização que principalmente, as que se referem as escolhas que realizamos quanto aos modos de fazer.

Freire e Macedo (1990) destacam a importância de apresentar o processo de alfabetização como uma construção histórica e social, enfatizando a necessidade de encarar todo processo como um esforço para ler o texto e o mundo dialeticamente. Portanto, um alfabetizador crítico entende que tanto ele quanto o educando vão se tornando igualmente sujeitos no processo de construção do conhecimento, centrado em experiências estimuladoras da decisão, responsabilidade, autonomia e da consciência crítica dos educandos.

Especificamente aos alfabetizadores que trabalham com o processo de alfabetização de jovens e adultos, é preciso que busquem atuar

criticamente em sala de aula, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Para tal, é relevante conhecer o contexto sócio-econômico e cultural desses jovens e adultos. O intuito é que sejam propiciadas atividades mais interessantes e significativas, estimulando práticas de letramento e de desenvolvimento da oralidade, que se mostram fundamentais na vida societária.

A respeito da oralidade, Schimit (1982) afirma que a linguagem oral se mostra como um instrumento social que possibilita a comunicação e a auto-realização, e que proporciona a aquisição da maturidade lingüística, aperfeiçoando, sobretudo, o uso da tecnologia (de telefone, rádio, televisão, computador etc.). Assim, as atividades de linguagem oral desempenham papel importante na vida dos indivíduos, já que a linguagem constitui parte integrante do trabalho escolar, em todas as disciplinas curriculares, como forma de adquirir automatismos de expressão oral e de educar a audição (um fala, outro escuta).

A partir daí, acredita-se que a oralidade é o fundamento básico para a questão da escrita e até mesmo para que a pessoa adquira práticas de letramento. Contudo, a oralidade foi perdendo espaço para a escrita, a qual ocupa cada vez espaços mais importantes na sociedade. Verifica-se que na sala de alfabetização de jovens e adultos em estudo, não é desenvolvida a oralidade, pois o que se observa são alunos cansados, calados, sentados e infileirados. No entanto, considerando a exigência da estagiária em ministrar uma aula, teve-se a oportunidade de procurar ministrá-la de forma diferenciada da habitual. Para início, pediu-se que todos se posicionassem em círculo para ter uma melhor visualização de todos e um debate mais rico. A temática trabalhada foi o “Dia da Família” conforme o Programa. Procurou-se desenvolver a oralidade, cantando, primeiramente, a música do Padre Zezinho, para que motivasse uma conversa informal sobre a família; trabalhou-se também com a explicação de palavras desconhecidas, o que caracterizam rima e estrofe e, posteriormente, formação de frases dos alunos com respectivas gravuras de revistas sobre a família.

Dessa forma, procurou-se ministrar uma aula que dá ênfase no debate e no desenvolvimento da oralidade, porque observa-se que esta não é trabalhada de fato na sala de aula, causando, posteriormente, prejuízo à educação escrita. Entretanto, não se pode desconsiderar a escrita, no que se refere a sua importância. Ela é importante na medida em que as pessoas alfabetizadas participam das atividades, nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade. Ser

alfabetizado permite lhes, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço de seu próprio e do desenvolvimento do espaço em que se encontram inseridas. Enquanto que as pessoas analfabetas (não sabem ler e escrever) não podem exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão, sendo aquele que a sociedade marginaliza, não tendo acesso aos bens culturais de sociedades letradas.

Entretanto, ser uma pessoa alfabetizada não é condição essencial para ser uma pessoa letrada, erudita, versada em letras, ou melhor, independente de ser alfabetizada ou não se pode adquirir práticas de leitura no seu cotidiano, tornando-se uma pessoa letrada. Isso ocorre quando a pessoa incorpora na sua vida social a prática de leitura e escrita.

De acordo com Soares, alfabetização e letramento se distinguem no sentido de que letramento vai além de saber ler e escrever - de ser alfabetizado -, mas de saber fazer uso de diferentes tipos de material escrito, compreendê-los, interpretá-los e extrair deles informações. Essa mesma autora define letramento como:

[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Mais adiante esclarece que ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever, [...] apropriar-se da escrita é tornar a escrita 'própria', ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'. (SOARES, 1999, p. 39).

A partir daí, acredita-se que é preciso realizar atividades que favoreçam práticas de letramento e, também, de oralidade nas aulas de alfabetização de jovens e adultos. Isso é possível com a realização de atividades próximas do contexto social e da realidade desses alunos, a fim de que desperte o interesse, tenha significado e favoreçam práticas de letramento. O alfabetizador deve, para tanto, trabalhar com portadores de texto (placas de sinalização de trânsito, rótulos, receitas, talão de água e luz, lista de compras, [...] bulas de remédio) como forma de favorecer práticas de letramento. É preciso ressaltar, que "há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural." (SOARES, 1999, p. 49).

Histórias de vida, relatos de novela, de maneira geral, enfocam a questão da oralidade, que podem partir para a produção escrita, trabalhando as diversas formas de linguagem (formal e informal), as quais variam de acordo com o espaço e as finalidades. A partir dessas produções, na sala

de aula, o professor deve focar que é preciso escrever diferente do falar, já que a maioria faz uso da linguagem popular e assim é preciso frisar a importância do falar e escrever cultamente, bem como estudar cada tipo de gênero (receita, anúncio, poesias ) já que cada um deles possuem uma linguagem diferente. Tendo em vista a produção de texto, a professora regente trabalhou no que se refere ao conteúdo de Geografia e História, uma atividade interessante: “A descoberta do Eu”, em que foi frisado desenhar a si próprio, escrever quem sou eu, como eu sou, enfatizando cor dos olhos, cabelo, altura e maneira de ser. Entretanto, verificou-se que a professora não soube explorar bem a atividade, além de propiciar características preestabelecidas, em que o aluno marcava as características e as copiava no caderno, e colocou na lousa seu próprio texto servindo de modelo para os alunos, de maneira bastante tradicional.

No entanto, acredita-se que a forma de trabalhar e de entender a Educação, não só de jovens e adultos, depende muito da opção política do alfabetizador, que é determinante no tipo de trabalho que ele irá fazer. Todavia, considera-se imprescindível buscar fazer um trabalho diversificado, a fim de que contribua para favorecer o desenvolvimento da oralidade e de práticas de letramento por parte de jovens e adultos em processo de alfabetização.

Evidencia-se um significativo contingente de jovens e adultos que não passaram pelo processo de alfabetização na idade considerada adequada. São adolescentes e adultos que não possuem a aprendizagem de habilidades para escrita e leitura. Contudo, não se pode esquecer que o adulto “analfabeto” criou seus códigos para conviver em um mundo letrado, seja para andar de ônibus, ou para identificar nome de remédios, ruas etc.

Segundo resultados de pesquisas realizadas por Ferreiro & Teberosky, tanto a criança quanto o adulto têm hipóteses da língua oral e da escrita, antes de formalmente iniciada a alfabetização (OLIVEIRA, 1992, p. 19).

Tais adultos, geralmente, inseriram-se muito cedo no mundo do trabalho para complementar o orçamento familiar, tendo que priorizar o trabalho em detrimento da escolarização, de aprender o saber formal, sistematizado historicamente pelos homens. Quanto à escola, esta se encontra inserida numa sociedade capitalista, informatizada e globalizada, sendo também seletiva e excludente. Uma vez que a educação, vinculada à prática social mais ampla, relaciona-se com os fatores históricos, econômicos, sociais e culturais. Entende-se que os fatores sociais e econômicos, sobredeterminam diferenças entre os grupos etários, as populações rurais e urbanas e as diferentes regiões no país, sobretudo,

acarretando, historicamente, uma atitude passiva diante da má distribuição da renda, de modo que se encara o analfabetismo como uma questão cultural. Compreender os determinantes históricos-sociais do processo educativo de jovens e adultos, permite perceber mais nitidamente a visão ideológica que a maioria dos adultos analfabetos tem sobre a educação. Ou melhor, os adultos “analfabetos” expõem claramente que estão estudando para melhorar de vida, isto é, ilusoriamente buscam uma ascensão social.

No entanto, como se enfatiza a impossibilidade de uma prática educativa neutra, requer que o alfabetizador estabeleça, em sala de aula, um clima sociável, coerente com o discurso e a ação, ensinando e aprendendo, ao mesmo tempo, numa relação dialógica. Concebe-se que a educação de adultos deve relacionar-se com as atividades de vida do educando e seu meio físico-social. Tem como função principal a profissionalização, aperfeiçoamento e atualização. Não se trata, porém, apenas do desenvolvimento de habilidades, gerando o tecnicismo, mas envolve também as dimensões da personalidade, visando ressaltar valores do ser humano como um todo, o que remete uma postura tanto existencial quanto profissional.

Dentro deste contexto, acredita-se que o alfabetizador deve alfabetizar e ao mesmo tempo, colaborar para estimular o senso de equipe, o companheirismo e a auto-estima de adultos em processo de alfabetização, de modo que os alunos elaborem construções progressivas do conceito da língua, forma e conteúdos significativos, na interação indissociável entre o sujeito e o objeto. É preciso que os educadores busquem atuar criticamente em sala de aula, conhecendo o contexto sócio-econômico e cultural de seus alunos para que propiciem atividades significativas e interessantes, estimulando, sobretudo, práticas de letramento e desenvolvimento da linguagem oral. Para tanto, faz-se necessário que o professor trabalhe também com portadores de texto como, placas de sinalização, rótulos, receitas, talão de luz, listas de compras etc., enfocando a oralidade - importante instrumento social, que possibilita a comunicação e a auto-realização, por meio de relatos de vida, acontecimentos importantes. É imprescindível partir desses relatos para, posteriormente, trabalhar com a produção escrita, enfocando as diversas formas de linguagem (formal e informal), as quais variam de acordo com o espaço e as finalidades.

Enfim, a alfabetização de jovens e adultos não pode mais priorizar a decodificação de sinais, é preciso compreender como o indivíduo se



apropriada da leitura e da escrita e, escolher modos de fazer que busque despertar a curiosidade, a autonomia e a criticidade de jovens e adultos no processo educativo.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Professora Sim Tia Não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 1994, p. 27-38.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 1-43; 89-107.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. *Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: contribuições para uma avaliação da década da Educação para todos*. Universidade Católica de São Paulo: Ação Educativa-Assessoria, Pesquisa e Informação, 1999. p. 1-22.

HARA, Regina. *Alfabetização de adultos: ainda um desafio*. São Paulo: CEDI, 1988.

KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 3-14.

KRAMER, Sônia. *Alfabetização: dilemas da prática*. Rio de Janeiro: Papéis e cópias de Botafogo; Escola de professores, 1995.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. *Alfabetismo e atitudes*. Pesquisa junto a jovens e adultos paulistanos. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ANPED, 21, Caxambu, 1998. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. [et al.]. *Metodologia da alfabetização: Pesquisas em educação de jovens e adultos*. São Paulo: Papyrus, 1992.

OLIVEIRA, Marília Vilela de. Algumas considerações sobre os métodos tradicionais de alfabetização. Uberlândia, *Ensino em Revista*. v.1, n. 1, p. 19-62. jan./dez.1992.

RIZZO, Gilda Meneses Soares. *Os diversos métodos de ensino da leitura*

*e da escrita*: Estudo Comparativo. Papelaria América Editora, 1983. p. 1-49.

SCHIMITZ, E. F. *Didática Moderna-Fundamentos*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1982.

SILVA, Angela Maria; PINHEIRO, Maria S. de Freitas; FREITAS, Nara Eugênia. *Guia para normalização de trabalhos técnicos-científicos*: projetos de pesquisa, monografias, dissertações, teses. Uberlândia: UFU, 2000.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TFOUNI, Leda Veridiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo, Cortez, 1995. p. 9- 28.